



Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas

UMA RELEITURA DA CARTA DE CAMINHA

Re-reading of the Caminha's letter

Carolina Akie OCHIAI SEIXAS LIMA (UFMT)¹

João José ALVES DIAS (UNL)²

RESUMO

O objetivo deste artigo é observar como foi feita a interpretação da Carta de Caminha no que se refere ao termo *fanado* que aparece na carta. A Carta de Caminha, também chamada de Carta do Achamento, é considerado o primeiro documento português sobre o Brasil, foi escrita por Pedro Vasques de Caminha ou Pero Vaz de Caminha, como se tornou conhecido. A carta foi escrita entre os dias 26 de abril e 1º de maio de 1500 na qual há uma descrição minuciosa da viagem, cuja narrativa é endereçada ao rei D. Manuel. Para tanto, selecionamos algumas obras publicadas no Brasil e em Portugal para a análise. O termo em questão, *fanado*, foi analisado nas edições selecionadas com a hipótese de que este tenha sido interpretado de forma variada. Apresentamos a análise considerando a ordem cronológica de publicação das obras escolhidas. Pudemos observar a interpretação dada ao termo *fanado*.

Palavras-Chave: Carta de Caminha; Fanado; Interpretação.

ABSTRACT

The purpose of this article is to observe how the interpretation of the Caminhas's Letter was made regarding the term fanado which appears throughout the letter. The Caminha's Letter, also known as Letter of the Finding, is considered as the first portuguese document about Brazil, it was written by Pedro Vasques de Caminha or Pero Vaz de Caminha, as which he became known. It was written between April 26th and May 1st, 1500 in which there is a detailed description about the journey whose narrative is for the King D. Manuel. Therefore we choose some works published in Brazil and Portugal to analyze. The term fanado was analyzed in selected editions with the hypothesis that this term was interpreted in a different way. We

¹ Universidade Federal de Mato Grosso, Mato Grosso, Brasil. Departamento de Letras; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8678-9895>; carolseixaslima@gmail.com

² Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, Portugal, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas; ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-8587-0472>; joaoalvesdias@gmail.com

presented the analysis considering the chronological publishing order of the chosen works. We could observe that there's a interpretation of the term *fanado*.

Keywords: *Caminha's Letter; Fanado; Interpretation.*

1. Introdução

Inicialmente devemos falar da importância da Carta de Pero Vaz de Caminha para a história do Brasil. A Carta de Caminha, também chamada de Carta do Achamento, é considerado o primeiro documento português sobre o Brasil, foi escrita por Pedro Vasques de Caminha ou Pero Vaz de Caminha, como se tornou conhecido. A carta foi escrita entre os dias 26 de abril e 1º de maio de 1500 na qual há uma descrição minuciosa da viagem, cuja narrativa é endereçada ao rei D. Manuel. O documento é um manuscrito que contém 27 páginas e foi despachado para Portugal no dia 2 de maio, pelo seu teor a carta adquiriu grande valor histórico, literário e linguístico. Caminha descreve com riqueza de detalhes a terra e os habitantes encontrados e também o contato entre estes e os portugueses. A carta finaliza com uma assinatura, mas antes, porém, Caminha se desculpa ao rei por ter se delongado em tantos detalhes e pede-lhe o favor de mandar vir da Ilha de São Tomé seu genro Jorge Osório, mandado preso neste lugar.

De acordo com Dias³ o escrivão, Pero Vaz de Caminha, nomeado para a feitoria de Calecut, na Índia, escreveu, particularmente, ao rei de Portugal, a partir de Porto Seguro, Brasil, em maio de 1500. Esse fato é, unanimemente, considerado a certidão do nascimento do Brasil, Pero Vaz de Caminha seguiu na 2ª. armada enviada à Índia, capitaneada por Pedro Álvares Cabral, para ocupar, em Calecut, o posto que iria servir na *novel* feitoria.

Nesse sentido, nosso objetivo neste artigo é observar como foi feita a interpretação da Carta de Caminha no que se refere ao termo “fanado” que aparece no decorrer da carta. Para tanto, selecionamos algumas obras publicadas no Brasil e em Portugal para que pudéssemos fazer a análise. A busca pelas edições utilizadas para este trabalho se deu através de pesquisas em alfarrábios e bibliotecas, sabemos que há inúmeras outras edições, mas trabalharemos com as que tivemos acesso. A seleção das edições utilizadas, neste trabalho, fundamenta-se nas datas de publicação que seguem uma ordem cronológica de análise, desde a edição *princeps*, disponível, no formato digital, no sítio do Arquivo Nacional da Torre do Tombo⁴. As demais edições foram utilizadas para o estudo ao qual se propõe este artigo e estão dispostas, seguindo a ordem cronológica de publicação.

³ DIAS, J. J. A. A El Rei Nosso Senhor, p.11. (no prelo)

⁴ <https://digitarq.arquivos.pt/details?id=4185836> (Último acesso em 10/março/2021.)

2. A edição da Carta de Caminha

A edição *princeps* da Carta de Caminha encontra-se no Arquivo Nacional da Torre do Tombo⁵, em Lisboa, Portugal, registrada com a referência Gaveta 8ª., maço 2º., doc. n. 8. De forma que a transmissão do original pode ser feita, atualmente, pela busca on-line ao sítio do referido arquivo que permite acesso livre ao manuscrito.

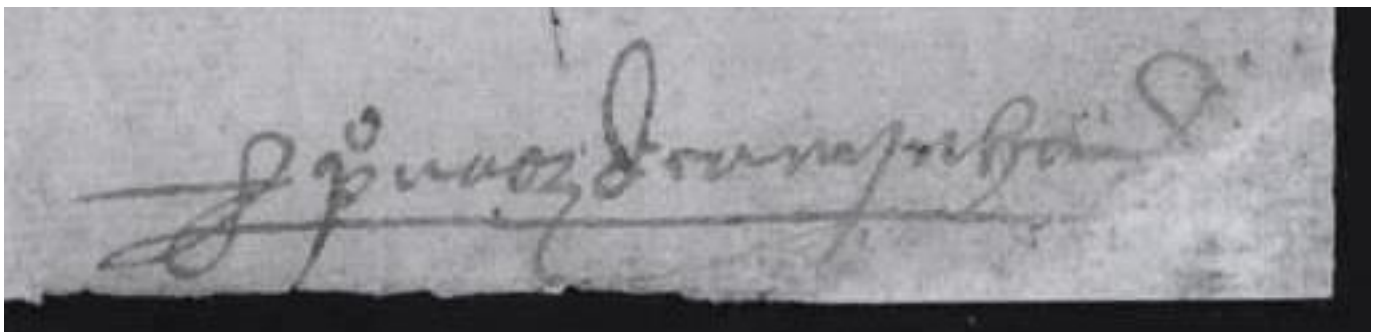
Este é um documento halógrafo⁶, ou seja, foi escrito pelo próprio autor que assina a Carta ao final, Pero Vaz de Caminha. Inexiste outra cópia manuscrita da Carta de Caminha, o que encontramos são cópias do original em formato digital ou impresso com ou sem comentários históricos, paleográficos e linguísticos.

De acordo com Basseto (2001, p.61-2), as edições podem ser: crítica, diplomática; paleográfica; mecânica (fotografia); comentada; escolar e popular. A respeito das edições selecionadas para este artigo, escolhemos diversos tipos de edição para análise, visto que o nosso objetivo era encontrar quais seriam as variações na interpretação do termo “fanado”.

A respeito do suporte da escrita, Dias⁷ nos lembra que a Carta encontra-se escrita num fascículo costumeiramente designado de caderno – composto pelo encarte de sete folhas de papel dobradas pelo meio do sentido de maior longitude. As medidas de cada folha são hoje, sensivelmente, 295x423 mm (com uma tolerância de mais ou menos 2 mm), originando, depois de dobradas, bifólios de 211x295 mm cada.

Na penúltima folha da Carta, fólio 14r, temos a assinatura de Pero Vaz de Caminha, da qual apresento apenas o recorte da assinatura:

Figura 1: Assinatura



Carta de Pero Vaz de Caminha – Fólio 14r (<https://digitalq.arquivos.pt>)

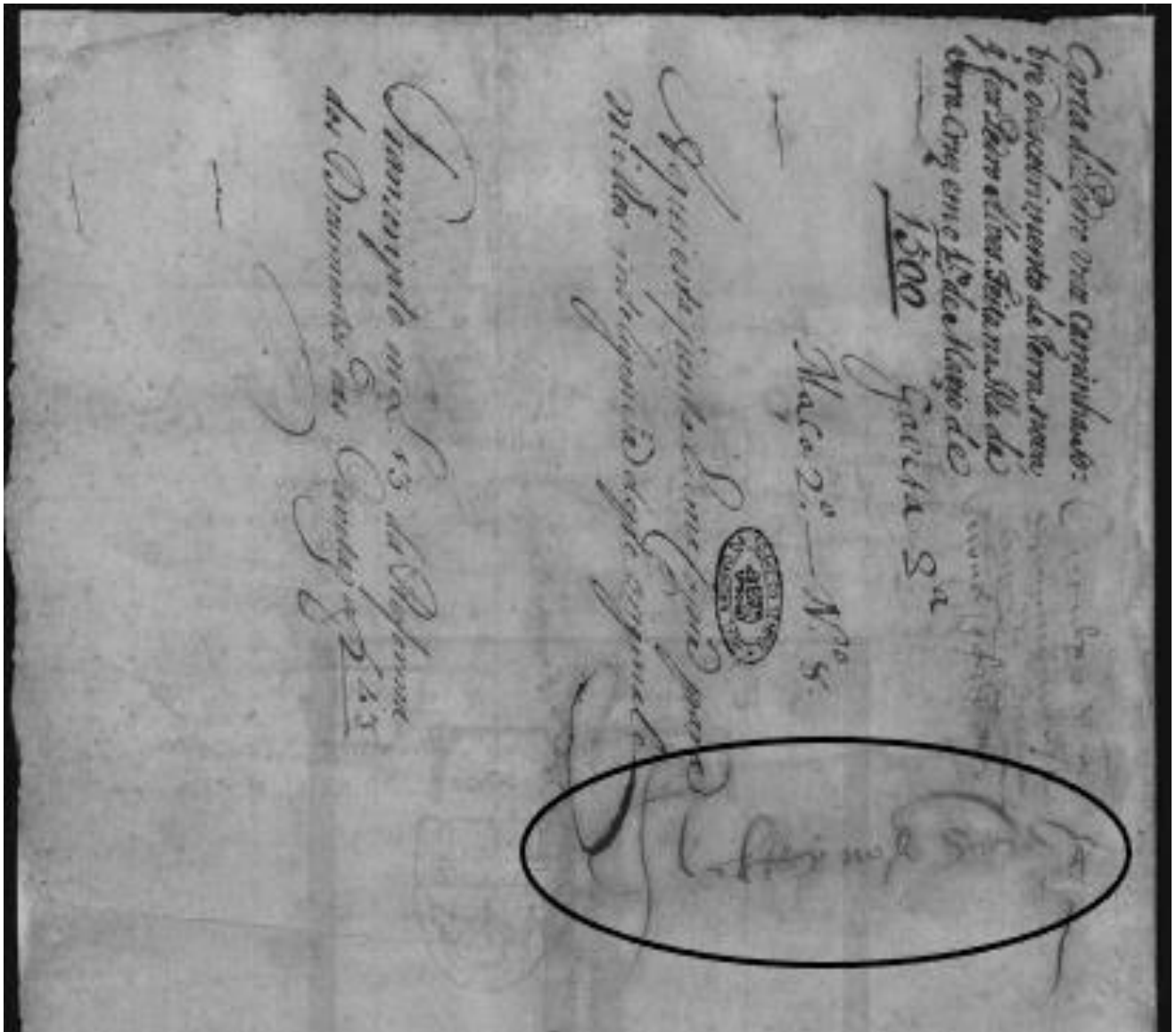
⁵ Idem.

⁶ SPAGGIARI; PERUGI, 2009. p.19.

⁷ DIAS, J. J. A. A El Rei Nosso Senhor, p.11. (no prelo)

Na última folha da Carta, fólio 14v, há a informação que permite a leitura do endereçamento – A el Rey nosso Senhor que deixamos em destaque, na figura 2 a seguir:

Figura 2: Endereçamento



Carta de Pero Vaz de Caminha – Fólio 14v (<https://digitarq.arquivos.pt>)

A Carta de Caminha é um documento monotestemunhal e não há cópias da Carta, portanto, o nosso trabalho se baseia nas edições que foram publicadas ao longo dos anos. Se tornaria impossível selecionarmos todas as publicações e comentários já realizados da Carta. Sendo assim, selecionamos 14 edições apenas, a fim

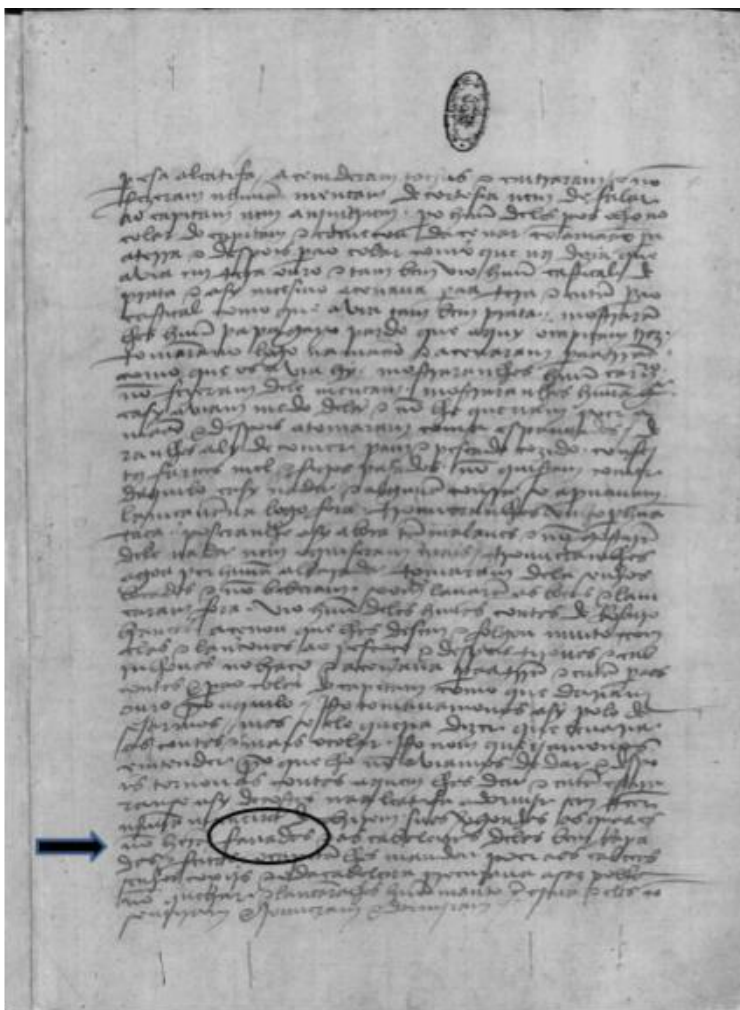
de que possamos verificar a interpretação que foi dada ao tremo “fanado” que é o nosso objeto de investigação para este trabalho.

3. O “fanado”

O termo em questão “fanado” que será analisado nas edições selecionadas é que nos chama atenção e nossa hipótese é a de que este tenha sido interpretado de forma variada. Apresentamos a análise considerando a ordem cronológica de publicação das obras que temos em mãos. Deixamos claro que não tomamos nenhuma acepção como correta para afirmarmos que esta ou aquela edição da Carta de Caminha apresenta interpretação equivocada. Nosso objetivo é demonstrar a interpretação que foi dada ou mesmo a transcrição que foi apresentada pelas edições selecionadas para este trabalho.

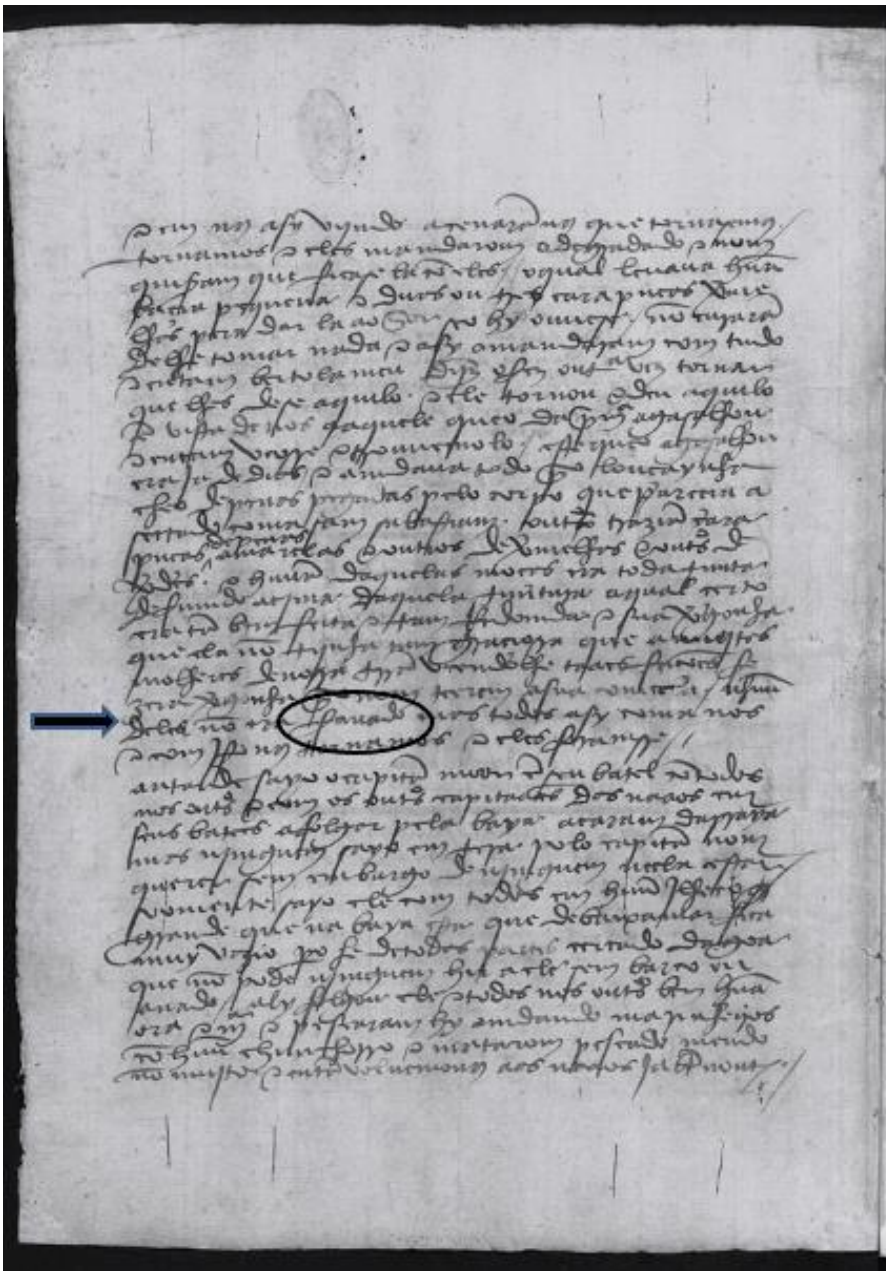
Primeiramente, apresentamos o “fanado” na edição *princeps* da Carta de Caminha de 1500, temos a ocorrência do termo no Fólio 3r, linha 35 <fanadas>; no Fólio 4v, linha 21 <fanado>.

Figura 3: <fanadas>



Carta de Pero Vaz de Caminha – Fólio 3r (<https://digitarq.arquivos.pt>)

Figura 4: <fanado>



Carta de Pero Vaz de Caminha – Fólio 4v (<https://digitarq.arquivos.pt>)

Iniciemos a análise com a acepção dada para o termo “fanado” em “Prosódia de Portugal e Brazil” de Antonio José de Carvalho e João de Deus, publicado em 1877, Lisboa, onde temos: “Fanado, adj. circumcidado; agorentado; escasso.” (p.342). A acepção de “fanado”, dada por Carvalho e de Deus, em 1877, é a acepção que nos orienta na interpretação do termo ao longo da tradição de transmissão da Carta de Caminha.

Em “Carta a Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manoel, em 1º de maio de 1500”, cujo editor utiliza a abreviatura S.D., publicado em 1939 no Rio de Janeiro, temos: “... e então estiraram-se assim de costas na alcatifa, sem terem nenhuma maneira de cobrirem suas vergonhas, as quaes eram fanadas, e as cabelleiras dellas bem rapadas e feitas.” (p.18-19). Nesta edição, o trecho das páginas 18-19 apresenta o termo com a mesma acepção do original, o autor não apresenta nota crítica.

Em “Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha”, publicado em 1964, no Brasil, obra que faz parte de uma coleção organizada por Antonio Geraldo da Cunha e preparada por Silvio Batista Pereira que leva em conta o texto publicado por Jaime Cortesão, temos: “Fonar, v.t.: circuncidar. [...] sem teer nhuaa maneira de cobrirem suas vergonhas as quaees nõ herã fanadas [...] fl.3.33-35; fl.4v.21.”. Nesta obra, podemos compreender que o autor considera o termo “fanada” como “circuncidada”.

Na obra “A epistolografia em Portugal” de André Crabbé Rocha, publicada em 1965, em Coimbra, Portugal. O autor faz, em poucas páginas (p.59-64), uma descrição do teor e da importância da carta para a epistolografia, mas não se detém a nenhum termo específico. Portanto, não há menção ao termo “fanado” e uma interpretação deste, apesar do autor apresentar o texto da Carta de Caminha, trecho retirado da obra de Jaime Cortesão, publicada em 1943.

Em outra obra publicada em 1965, “A Carta de Pero Vaz de Caminha” de J. F. de Almeida Prado e Maria Beatriz Nizza da Silva, pudemos encontrar um trecho da carta em que os autores tratam do índio e seu habitat (p.46), “sem encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas...”. Ao final desta obra há um glossário em que se pode encontrar o significado, dado pelos autores, para o termo “fanadas” – circuncisas (p.112). Observamos que esta acepção corrobora com a acepção dada por Carvalho e de Deus, em 1877, a qual tomamos como orientação para nossa análise.

Em “A certidão de nascimento do Brasil, A carta de Pero Vaz de Caminha” de José Augusto Vaz Valente, publicada em 1975, em São Paulo, Brasil, esta edição apresenta a transcrição paleográfica, em linguagem corrente, linha a linha, página a página, deixando as palavras tal qual ocorrem no manuscrito. Sendo assim, temos: “... adormjr sem teer nhuaa maneira de cobrirem suas v(er)gonhas as quaees nõ hera fanadas e as cabeleiras delas bem Rapadas e feitas./ ...” (f.3, 33-35); “... nhuu deles nõ era fanado mas todos asy coma nos ...” (f.4v, 21). Nesta edição, o autor apenas transcreve o termo tal qual ocorre na carta e não apresenta nota crítica e nem glossário.

Em “A Carta de Pero Vaz de Caminha”, de Leonardo Arroyo, publicada em 1976, no Brasil, esta edição traz a edição fac-similar, a transcrição paleográfica e um glossário da carta em que temos, na p.128-129 uma descrição do termo:

Fanados – circuncisos, conforme o texto, acompanhado de negação. Assinala Faustino da Fonseca que a preocupação de Pero Vaz de Caminha, neste passo, é saber se os indígenas são ou não circuncidados, ou seja, se pertencem ou não à religião muçulmana, “se são os inimigos e irreduzíveis crentes maometanos, ou os pagãos entre os quais o cristianismo podia fazer prosélitos.” A mesma preocupação sobre a condição dos habitantes das terras descobertas se nota em Duarte Pacheco Pereira, conforme seu *Esmeraldo de Situ Orbis*, onde ele escreve, à p. 63, que “os negros desta costa nom som circomsisos”. O texto em Pero Vaz de Caminha diz: “E então atiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de encobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas.

Arroyo (1976) também apresenta, no capítulo VIII de sua obra, um inventário bibliográfico de todas as edições feitas da Carta de Caminha de 1817 até 1975, inventário que consta, ao todo, 109 edições da carta.

Como explicamos, anteriormente, a partir daqui, apresentamos algumas edições da Carta de Caminha publicadas depois de 1975.

Em “O Descobrimento do Brasil: A Carta de Pero Vaz de Caminha” de Silvio Castro, publicada em 1985, Rio Grande do Sul, Brasil, esta edição apresenta texto, estrutura e linguagem da carta, e ainda, leitura crítica, transcrição, versão e notas analíticas. O autor se baseia nas leituras feitas por João Ribeiro, Jaime Cortesão e Silvio Batista Pereira ao considerar o original bastante claro e com estrutura típica da época. Temos: “... a dormir sem teer nhuaa maneira de cobrirem suas vergonhas as quaees nã hera fanadas...” (p.43); “... nhuu deles nã era fanado mas todos asy coma nos ...” (p.45).

Em nota crítica (p.65) o autor descreve “Fanadaas” – circunsisas. Habitados aos contatos com os muçulmanos, os portugueses se surpreendem felizmente com o fato de encontrar-se diante de gentes “não circunsisas”, isto é, “não pagãs”. Nesta edição temos uma interpretação do termo em estudo “fanado” que complementa a conceituação feita por Leonardo Arroyo, apresentada anteriormente.

A obra “A Carta de Caminha: Testemunho linguístico de 1500” organizada por Rosa Virgínia Mattos e Silva, publicada em 1996, Bahia, Brasil, apresenta 12 capítulos nos quais são estudados diversos aspectos linguísticos, desde a ordem dos constituintes aos nomes de Caminha para as coisas do Brasil, mas não faz qualquer menção ao estudo do vocabulário da Carta e nem do termo “fanado”.

Em 1998 foi publicada “A Viagem do Descobrimento: a verdadeira história da expedição de Cabral” escrita por Eduardo Bueno é uma obra ilustrada, publicada no Rio de Janeiro. No capítulo intitulado “A semana de Vera Cruz”, o autor descreve um trecho (p.69) da carta em que afirma

Caminha observa, assim, que eles [os índios] não só tinham cabeleiras bem raspadas e feitas como não ‘fanados’: ou seja, não eram circuncisados. Tal sinal foi, de certa forma, um alívio: ao contrário do que ocorria com certas tribos da costa da África, aqueles homens não tinham sofrido influência árabe.

Em “Carta ao rei Dom Manuel” Pero Vaz de Caminha, de Marcelo Bakes, publicada em 1999, Porto Alegre, Brasil, uma edição de bolso, o texto é modernizado e traz notas explicativas bem sucintas. Observamos que autor não traz nota explicativa para o termo “fanadas” como “circuncidadas” (p.23). Nesse sentido, não pudemos analisar qual acepção o autor utilizou para interpretar o trecho da Carta de Caminha em que o termo “fanado” ou “fanadas” ocorre.

Em “A carta de Pero Vaz de Caminha” com comentários e notas de Douglas Tufano, publicada em 1999, São Paulo, Brasil, que é uma edição ilustrada em comemoração aos 500 anos do “achamento” do Brasil, publicada com o incentivo da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil. Nesta edição, temos uma edição modernizada, na qual o trecho em que o termo “fanadas” ocorreria, o autor traz: “Para dormir, deitaram-se de costas no tapete, sem nenhuma preocupação de cobrir suas vergonhas, as quais não eram circuncisadas e tinham pêlos rapados.” (p.33). Notamos que ao invés do uso do termo “fanadas” o autor apresenta “circundisadas” que nos leva à interpretação que foi dada por Tufano para o termo em questão, fato que coaduna com a acepção que tomamos como norte para nossa análise. No sentido de que entendemos “fanada” como “circuncisada” de acordo com Carvalho e de Deus (1877).

Tufano explica em nota de rodapé (p.33) que “as observações minuciosas de Caminha a respeito dos índios mostram que os portugueses estavam tentando descobrir se eles pertenciam a algum povo conhecido. A circuncisão, por exemplo, identificava os judeus.” Mas Caminha constata que os índios não seguiam essa prática.

A respeito do trecho da carta “Nenhum deles era circunciso, mas, ao contrário, eram todos assim como nós.” Novamente, em nota de rodapé (p.37), Tufano afirma que “ao destacar, mais uma vez, que os índios não eram circuncisados, mas eram como os portugueses, Caminha quer insistir no fato de que os índios não pareciam ter nenhuma influência dos costumes religiosos judaicos.” Afirmação que nos leva à interpretar a importância que o termo “fanado” tem para as informações que Caminha queria levar a D. ManoelPodemos perceber que a

explicação dada por Douglas Tufano difere das explicações apresentadas por Silvio Castro e Leonardo Arroyo, já descritas aqui nesta nossa análise.

Em “A Carta de Pero Vaz de Caminha” de Poliana Asturiano e Rodval Matias, publicada também em 1999, São Paulo, Brasil, uma edição ilustrada em comemoração aos 500 anos de descobrimento do Brasil, apresenta uma versão da carta em linguagem atual: “Então, deitaram-se de costas no tapete para dormir, sem se preocuparem em cobrir suas vergonhas, as quais não eram circuncidadas...” (p.33). Nesse sentido, Asturiano e Matias apresentam a mesma interpretação do termo “fanado”, apresentada por Tufano.

Para este trecho os autores explicam em nota de rodapé “ao anotar que os indígenas não eram circuncidados (circuncisos), Caminha está informando que eles não eram ou não tinham influência de judeus ou muçulmanos (que têm o costume de circuncidar os bebês logo após o nascimento), contrários à crença cristã e, muitas vezes, inimigos dos portugueses em sua missão catequizadora.” Podemos observar que a explicação dada por estes autores pode complementar a explicação dos autores anteriores.

Em “A Carta de Pêro Vaz de Caminha: Auto de nascimento do Brasil” com prefácio de Joaquim Veríssimo Serrão e estudos de Manuela Mendonça e Margarida Garcez Ventura, publicada no ano 2000, em Comemoração aos 500 anos de achamento do Brasil, Ericeira, Portugal. Esta é uma edição quadrilíngue (português, espanhol, francês, inglês) que descreve quem foi Pero Vaz de Caminha, apresenta a edição fac-similada da carta e a transcrição. Assim, temos: “Então atiraram-se de costas na alcatifa a dormir, sem buscarem maneira de cobrir suas vergonhas, as quais não eram fanadas ...”. (p.159). Para este trecho há uma nota explicativa em que Margarida Garcez Ventura explica “não estavam circuncidados, ao contrário dos africanos islamizados que os portugueses conheciam.” (p.159).

Em “A Carta de Pero Vaz de Caminha” de Antônio Geraldo da Cunha, César Nardelli Cambraia e Heitor Megale, publicada em 2001 que leva em consideração outras edições fac-similadas como a de Silvio Batista Pereira, citada neste artigo, e também o texto publicado por Jaime Cortesão. Considerada como uma leitura diplomática bastante minuciosa, esta obra apresenta critérios de transcrição semidiplomática da Carta de Caminha e comentários paleográficos. A edição da carta vem seguida de fac-símile e do texto editado tal qual se apresenta, os termos que estavam escritos unidos, assim são apresentados nesta edição, não há comentários críticos. Portanto, não há notas explicativas a respeito do termo de nosso interesse, “fanado”.

O “Dicionário Histórico do Brasil: Colônia e Império” de Angela Vianna Botelho, publicado em 2008, em Belo Horizonte, Brasil, não traz referência ao termo “fanado”, mas traz o que os autores entendem a respeito

das expressões “Carta de Caminha” e “Carta do Achamento” dos quais fazem uma descrição do conteúdo da carta e de sua importância (p.39 e 41).

Em “Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel sobre o achamento do Brasil” de Jean Pierre Chauvin, publicada em 2014, traz o fac-símile e a transcrição. Na p. 81 o autor apresenta um trecho da carta editado com pontuação e linguagem atual. Neste trecho, há “... estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir sem procurarem maneiras de esconder suas vergonhas, as quais não eram fanadas; ...”. Ao final do trecho apresentado pelo autor há o destaque para alguns termos utilizados por Caminha, um dos quais é “fanadas” que o autor define como “murchas”.

Percebemos que a explicação dada para o termo “fanadas” por Jean Pierre Chauvin difere de todas as interpretações encontradas nos autores aqui estudados. Ao prefaciar esta obra, Chauvin cita outros trabalhos sobre a Carta de Caminha como o de Jaime Cortesão, Ana Maria de Azevedo, Luis Adão da Fonseca, Paulo Roberto Pereira mas não nos permite identificar como teria chegado à interpretação dada ao termo em questão.

Em “Carta ao Rei D. Manuel” que é uma versão moderna de Rubem Braga, publicada em 2015, Rio de Janeiro, Brasil. Esta é uma edição de bolso, ilustrada em preto e branco, dividida em duas partes, a primeira traz a versão em que o autor chama de contemporânea e a segunda traz apenas a primeira e a última página fac-similada e todo o restante do original vem transcrito em formato de texto corrido sem numerar as páginas do original.

Rubem Braga (p.26) apresenta a versão em linguagem contemporânea, temos “e então estiraram-se assim de costas na alcatifa, a dormir, sem terem nenhuma maneira de cobrirem suas vergonhas, as quais não eram fanadas, ...”. Há apenas a versão deste trecho da carta, o autor não apresenta nota explicativa para o termo “fanadas”.

Em “A Carta de Pero Vaz de Caminha” que também é uma versão de bolso, publicada em 2019, Petrópolis, Rio de Janeiro, Brasil, com comentários e notas de Leandro Garcia Rodrigues, esta obra apresenta uma versão modernizada da carta. O autor explica que para o texto desta edição foi utilizada “a versão da Academia das Ciências de Lisboa, cuja tradução e transcrição foi feita por uma equipe de especialistas coordenada pelo crítico literário e filólogo Manuel Rodrigues Lapa” (p.64).

Rodrigues (p.14) descreve “então estiraram-se de costas na alcatifa, a dormir, sem buscarem maneira de cobrirem suas vergonhas, as quais não eram fanadas; ...”. O autor transcreve o termo “fanadas”, mas não apresenta nota explicativa para tal. Desse modo, não podemos saber qual a interpretação que o autor tenha dado para o termo.

4. Considerações finais

Das obras até aqui analisadas, pudemos observar que a interpretação do termo “fanado” do qual encontramos a descrição “circuncidado” no sentido de que eles, os índios, não eram ou não tinham influência de judeus ou muçulmanos. Também pudemos encontrar uma interpretação que diferiu desta para a acepção “murchas”, mas o autor que assim a definiu não nos permitiu inferir o porquê desta interpretação.

Dessa forma, pudemos notar que a interpretação para o termo aqui estudado “fanado”, usado pela maioria dos autores, seja o mesmo que “circuncidado” ou “circuncisado”, de acordo com a acepção dada para o termo “fanado” em “Prosódia de Portugal e Brazil” de Antonio José de Carvalho e João de Deus, publicado em 1877. O que corrobora com a descrição etimológica apresentada por Antônio Geraldo da Cunha em seu Dicionário Etimológico, publicado posteriormente, em 1982, que define “fanar” (verbo) cortar, amputar. Definição que também nos levou à interpretação dada pelos autores aqui citados em que a preocupação de Caminha era demonstrar que os habitantes da terra aqui encontrada não pertenciam a nenhuma religião que fosse contra os preceitos do cristianismo.

A despeito da preocupação de Caminha, fontes históricas demonstram que a Península Ibérica esteve sob dominação muçulmana de 711 a 1610, período em que conviveram três religiões num mesmo espaço – cristãos, judeus e muçulmanos. O povo judeu instalado na Península Ibérica tinha certa liberdade para cultivar sua fé e pouco a pouco prosperaram em bens, tornando-se senhores de terras, detentores de vultosas fortunas. Podiam frequentar suas sinagogas onde o rabino era o chefe espiritual e encarregado de ensinar a lei judaica e articular a solidariedade comunitária e a ajuda às famílias despossuídas sob as quais seguramente detinha grande influência moral (ORTIZ DE URBINA, 1992, p. 193-202).

Nesse sentido, compreende-se a preocupação de Caminha em demonstrar que os habitantes encontrados, na terra recém descoberta, não apresentavam características judaicas como a circuncisão, por exemplo. E, por conseguinte, o povo português não precisava temer qualquer influência que não contribuísse com as intenções portuguesas para com a terra e os povos nativos daquela que seria chamada Ilha de Vera Cruz. Assim, explica-se o fato da presença do termo “fanado” na Carta de Caminha, endereçada ao regente de Portugal, D. Manuel.

Agradecimentos

Este artigo é resultado do projeto contemplado pelo Edital SECRI 002/2019 – Apoio a Pesquisadores Internacionais Visitantes – UFMT que tinha como objetivo promover a formação de novas redes de cooperação científica de caráter nacional e internacional e fortalecer as já existentes, estimulando a produção científica e o processo de internacionalização da Universidade Federal de Mato Grosso.

Agradecemos à Secretaria de Relações Internacionais (SECRI) da Universidade Federal de Mato Grosso e ao Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem por apoiarem o referido projeto e à Universidade Nova de Lisboa.

Referências

- ARROYO, Leonardo. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. São Paulo, Editora Melhoramentos, 1976. 177p.
- ASTURIANO, Poliana; MATIAS, Rodval. **A Carta de Pero Vaz de Caminha: versão ilustrada em linguagem atual**. São Paulo, FTD, 1999. 88p.
- BASSETTO, Bruno Fregni. **Filologia Românica: história externa das línguas**. São Paulo, EdUsp, 2001. 380p.
- BOTELHO, Angela Vianna; REIS, Liana Maria. **Dicionário Histórico do Brasil**. Belo Horizonte, Autêntica Editora, 2008. 231p.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **A Carta de Caminha. Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel**. Rio de Janeiro, Editado por J. Borsoi Junior, 1939. 53p.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **A Carta de Caminha**. 2 ed., Porto Alegre, Mercado Aberto, 1999. 62p.
- CASTRO, Silvio. **A Carta de Pero Vaz de Caminha: O Descobrimento do Brasil**. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, L&PM Editores, 1985. 132p.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **A Carta de Pero Vaz de Caminha: reprodução Fac-similar do manuscrito com leitura justalinear de Antonio Geraldo da cunha, César Nardelli Cambraia, Heitor Megale**. 2 ed., São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, 2001. 89p.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **Carta ao Rei D. Manuel: versão moderna de Rubem Braga**. 1 ed., Rio de Janeiro, Bestbolso, 2015. 143p.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **A Carta de Caminha**. Coordenação literária, comentários e notas, Leandro Garcia Rodrigues. Petrópolis, RJ, Vozes, 2019. 66p.
- CHAUVIN, Jean Pierre. **Carta de Pero Vaz de Caminha a El-Rei D. Manuel I sobre o achamento do Brasil**. 2 ed., São Paulo, Martin Claret, 2014. 84p.
- CUNHA, Antônio Geraldo. **Dicionário Etimológico Nova Fronteira da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982. 839p.
- MENDONÇA, Manuela; VENTURA, Margarida Garcez. **A Carta de Pêro Vaz de Caminha: auto de nascimento do Brasil**. Lisboa, Portugal, Editora Mar de Letras, 2000. 181p.
- ORTIZ DE URBINA, José Ramon Diaz de Durana. **Judios y cristianos em vitória durante la Edad media**. In: RODRÍGUEZ DE CORO, Francisco (coord.). **Los judios**. Vitoria-Gasteiz, España: Fundación “Caja Vital Kutxa”, 1992.

PEREIRA, Silvio. **Vocabulário da Carta de Pero Vaz de Caminha**. Brasília, DF, Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação, 1964. 179p.

SPAGGIARI, Barbara; PERUGI, Maurizio. **Fundamentos da Crítica Textual**. Rio de Janeiro, Lucerna, 2004. 407p.

SILVA, Rosa Virginia Mattos e. **A Carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500**. Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia, 1996. 285p.

TUFANO, Douglas. **A Carta de Pero Vaz de Caminha: comentada e ilustrada**. São Paulo, Moderna, 1999. 64p.

VALENTE, José Augusto Vaz. **A certidão de nascimento do Brasil: A Carta de Pero Vaz de Caminha**. São Paulo, Edição do Fundo de Pesquisa do Museu Paulista da Universidade de São Paulo, 1975. 64p.